

Quo vadis, universidade?

A universidade tem vindo a renunciar à letra maiúscula e a justificar a sua designação com letra pequena. O mesmo é dizer, entregou-se à traição; sim, trai a missão de ser instância de meditação, projeção e reflexão da sociedade, optando por advogar e seguir religiosamente os descaminhos e desvarios desta era. Pior ainda, penaliza, de várias e manifestas formas, quem persista em interpretar a função académica à luz das obrigações inerentes aos intelectuais, nomeadamente a de intermediário entre as fontes de conhecimento e a praça pública ou cidade.

Desde o começo dos anos 80 do século passado, ela tornou-se instrumento orgânico do neoliberalismo, adotando e propagando o perverso credo e a ilusória novíngua da estratégia neoliberal. Nunca, em qualquer regime político, se verificou uma captura ideológica da universidade tão artilosa, abrangente, evidente e indecorosa como a de agora.

Em Portugal isto foi convertido em lei com o *RJIES-Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior* (Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro). De então para cá, a universidade ergueu a bandeira do conformismo e da vassalagem ao império ideológico vigente. O discurso da empregabilidade, do pragmatismo e utilitarismo dos cursos, impingido aos jovens, nada tem a ver com uma vida e um emprego plenos de sentido humano. O mesmo se diz do linguajar encantatório da ‘competitividade’, do ‘empreendedorismo’, de ‘startups’ e afins, promissor de ‘sucesso’ a rodos. Há algumas histórias de brilhantes empreendedores, mas a grande maioria, por mais que tente, não logra realizar esse sonho alienante; ao invés, crescem a autoexploração, remunerações baixíssimas e aviltantes, desilusões e dores amargas, ocupações indignas e vazias de esperança.

Uma vida quotidiana, pautada por padrões de qualidade para todos, e uma renovação, cultural e humanamente edificante, da existência e dos processos laborais do presente e futuro, tirando partido dos formidáveis avanços científicos e tecnológicos – isso não se inscreve na agenda da pequena universidade e dos seus minúsculos reitores. Estes, escolhidos por órgãos e interesses espúrios, consignados no RJIES, jamais darão um passo contrário às forças que apequenaram a universidade. Somente a indignação consequente da comunidade académica poderá trazer de volta a Universidade.

Jorge Bento

17.07.2016